



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

MÁRCIA ALVES DA SILVA

**UMA ANÁLISE DIRECIONADA À ORALIDADE: ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA NO
CENÁRIO DA PALESTRA**

**GUARABIRA
2021**

MÁRCIA ALVES DA SILVA

**UMA ANÁLISE DIRECIONADA À ORALIDADE: ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA NO
CENÁRIO DA PALESTRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguagem, Discurso e Gênero.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz

**GUARABIRA
2021**

S586a Silva, Marcia Alves da.
Uma análise direcionada à oralidade [manuscrito] :
adequação linguística no cenário d palestra / Marcia Alves da
Silva. - 2021.
48 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades , 2021.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Pandemia da COVID-. 2. Gênero oral. 3. Palestra. 4.
Ensino público. I. Título

21. ed. CDD 371.12

MÁRCIA ALVES DA SILVA

**UMA ANÁLISE DIRECIONADA À ORALIDADE: ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA NO
CENÁRIO DA PALESTRA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

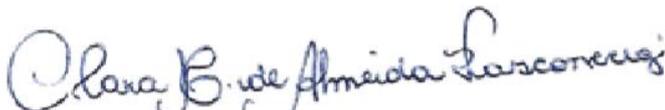
Área de concentração: Linguagem, Discurso e Gênero.

Aprovada em: 21 de maio de 2021.

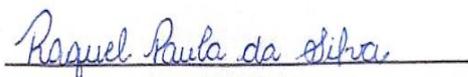
BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)

Prof. Me. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Raquel Paula da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao Senhor Jesus, Aquele que, além de ter me dado à vida, me ama e me apoia de forma incondicional, estando comigo nos meus altos e baixos. Em segundo lugar, aos meus pais, que me colocaram neste mundo, com muito amor e carinho. Em terceiro, dedico ao meu esposo e companheiro, o qual divide comigo os momentos bons ou ruins e, ainda assim, proporciona-me momentos de força e incentivo, para que eu alcance os meus sonhos e, por último, ao meu orientador e professor Rafael Francisco Braz, que me direcionou e forneceu elementos para que este trabalho pudesse ganhar forma, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao professor mestre Rafael Francisco Braz, pelas leituras sugeridas ao longo desta orientação; pela dedicação e por proporcionar momentos de aprendizagem, os quais são extremamente relevantes não apenas à profissão do educador, mas também aos conhecimentos válidos para a vida.

Ao meu pai, Maurício, à minha mãe, Verônica, pelo incentivo que me deram desde criança, pois sempre compreenderam que apenas seria possível se tornar uma pessoa melhor através da educação. Diante disso, é relevante destacar que os meus pais amados me apoiaram, mesmo nos momentos mais difíceis de suas vidas e, ainda assim, agradeço a eles pela compreensão por minha ausência nos momentos familiares, em que, mesmo a distância, permaneço agradecida; o amor que sinto por eles permanece em mim de maneira infinita.

Ao meu esposo e companheiro José, pelo apoio emocional e pela amizade que temos e que construímos ao longo desses 7 (sete) anos que passamos juntos. Agradeço-te, meu amor, por ser o meu porto seguro e por não me deixar desistir perante os momentos difíceis que já passamos.

Ao meu bebê (*in memoriam*), embora não esteja em meus braços, sob os meus cuidados, agradeço-te, meu anjinho, de maneira imensa, por me fortalecer diariamente, cuidando de mim, para que assim eu não desista de seguir em frente.

À minha avó Maria do Carmo (*in memoriam*); embora não esteja entre nós fisicamente, senti a sua presença durante toda essa jornada de escrita e estudos, presença essa que considero como um grande apoio e incentivo.

Aos professores do Curso de Letras – Português da UEPB e, em especial, Rafael Francisco Braz, o qual contribuiu, ao longo de suas aulas, por meio das disciplinas oralidade e estágio supervisionado I, assim como através de seminários e interações remotas, através do *Google Meet*, sendo momentos de muita contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio.

A língua falada é que é a verdadeira língua natural, a língua que cada pessoa aprende com sua mãe, seu pai, seus irmãos, sua tribo, seus grupos sociais [...] Ela é que é a língua viva, em constante ebulição, em constante transformação (BAGNO, 2001, p. 24)

RESUMO

O ensino público no Brasil se encontra em constante adaptação, visto que o impacto da pandemia da COVID-19 no país vem causando várias modificações, principalmente, no âmbito escolar. Desse modo, com a volta às aulas, o fator da desigualdade social se tornou mais nítido, pois a ausência de internet e/ou dispositivos móveis dificultaram o ensino-aprendizagem e, além disso, tanto os alunos quanto os educadores não têm letramento suficiente para manusear os aparelhos eletrônicos. Portanto, este estudo investigou o evento de fala da professora Roxane Rojo, a partir do gênero oral palestra, intitulado: *O impacto dos multiletramentos no contexto da pandemia*. Para tanto, nossa fundamentação se baseou em Marcuschi (2010), Sabata e Rafael (2013), Damasceno (2020), PCN (1997), Senhora (2020), Paula (2011), Barreto e Rocha (2020), Santos e Monteiro (2020); Silva, Goulart e Cabral (2021). A análise mostrou que há uma necessidade de estudos que contemplem a oralidade, bem como investigações em relação aos aspectos naturais variacionais, sem seguir a perspectiva do erro, visto que esse gênero comunicativo é indispensável em meio à sociedade.

Palavras-Chave: Pandemia da COVID-19. Gênero oral. Palestra. Ensino público.

RESUMEN

La educación pública en Brasil se está adaptando constantemente, ya que el impacto de la pandemia COVID-19 en el país está provocando varios cambios, principalmente en el entorno escolar. Así, con el regreso a la escuela, el factor de desigualdad social se hizo más claro, ya que la ausencia de internet y / o dispositivos móviles dificultaron la enseñanza y el aprendizaje, y además, tanto los estudiantes como los educadores no tienen conocimiento suficiente para manejar los dispositivos electrónicos. Por lo tanto, proponemos investigar el evento de hablar de la profesora Roxane Rojo desde un género oral, una conferencia titulada: "El impacto de las 'multiletramentos' en el contexto de la pandemia". Con este fin, nuestra teoría se basa en Marcuschi (2010), Sabata e Rafael (2013), Damasceno (2020), PCN (1997), Senhora (2020), Paula (2011), Barreto e Rocha (2020), Santos e Monteiro (2020) Silva; Goulart; Cabral (2021). El análisis muestra que existe la necesidad de estudios que contemplen la oralidad, en los que pueda haber investigaciones sobre aspectos variacionales naturales, sin seguir la perspectiva del error, ya que este género comunicativo es indispensable en la sociedad.

Palabras clave: Pandemia de COVID-19. Género oral. Conferencia. Educación pública.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Definição dos tipos textuais e gêneros digitais.....	20
Figura 2 – Distinção entre aula síncrona e assíncrona	23
Figura 3 – Requisitos para realizar uma webconferência.....	31
Figura 4 – Print da tela: palestra através do <i>YouTube</i>	34

LISTA DE TABELAS

Gráfico 1 – Número de casos confirmados de COVID-19 no Brasil até 30 de abril de 2020	15
Gráfico 2 – Número de Óbitos de COVID-19 no Brasil de março a junho de 2020 ...	16
Gráfico 3 – Número de mortes em 1 dia por COVID-19 no Brasil.....	17
Gráfico 4 – Situação da vacinação no mundo em 14 de abril de 2021	18
Quadro 1 – Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais	33
Quadro 2 – Critérios de transcrição conversacional adotados pelo Projeto Nurc.....	35
Quadro 3 – Marcadores discursivos: funções e colocação no enunciado	36
Quadro 4 – Dicotomias Estritas.....	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19: ENFRENTAMENTOS DIÁRIOS.....	14
2.1	Mutações do vírus da Covid-19 e vacinação limitada.....	16
3	UM ESTUDO SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS.....	19
3.1	Gêneros digitais no ensino remoto.....	32
4	METODOLOGIA.....	25
4.1	Etapas da pesquisa.....	27
5	CONCEITUAÇÃO E OBJETIVOS DO GÊNERO DISCURSIVO PALESTRA	29
5.1	Gêneros discursivos webconferência/palestra.....	30
5.2	Discutindo a oralidade em meio ao gênero palestra/ webconferência	31
6	CONCLUSÃO.....	43
	REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O ensino público no Brasil se encontra em constante adaptação, visto que o impacto da pandemia da COVID-19 no país vem causando várias modificações, principalmente, no âmbito escolar. De acordo com Barreto e Rocha (2020, p.5), o “ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, tendo como base nas recomendações da OMS – Organização Mundial da Saúde, sugeriu que os estados adotassem como medida de prevenção a suspensão das aulas em todo país”. Contudo, as instituições de ensino voltaram a funcionar de maneira remota.

Desse modo, com a volta às aulas, o fator da desigualdade social se tornou mais nítido, pois a ausência de internet e/ou dispositivos móveis dificultaram o ensino-aprendizagem. Acrescente a isso, o fato de alunos e educadores não possuírem letramento suficiente, para manusear os aparelhos eletrônicos.

Para tanto, antes do contexto pandêmico, já havia o Ensino a Distância (EAD), mas, como nem todos possuem o letramento ideal e necessário para manusear as ferramentas digitais, alunos e professores encontram barreiras para se adaptarem às aulas remotas, mesmo havendo um grande leque de gêneros tecnológicos. Sendo assim, ainda há dificuldades, mesmo com a presença de equipamento e de acesso à internet.

Torna-se relevante ressaltar que o coronavírus impactou, de forma significativa, não apenas as interações familiares, mas também o meio profissional, a exemplo dos educadores, que precisaram reinventar sua prática pedagógica. Dessa forma, com foco no meio educacional, podemos mencionar que está havendo um processo de (re) adaptação, visto que existe a necessidade de adentrar no meio digital.

Diante do exposto, sabemos que existe uma abrangência de gêneros digitais, os quais passam a auxiliar na adaptação desse momento. No entanto, evidenciamos neste trabalho o gênero digital *webconferência*, como aporte para a realização da análise da fala, por possibilitar uma interação remota, através dos seguintes recursos: audiovisual, mensagens e apresentação de arquivos. Desse modo, torna-se eficaz o uso desse meio digital, para a realização de aulas produtivas e interativas, possibilitando o ato de ministrar uma palestra *online*.

Portanto, nesta monografia, propomos investigar o evento de fala da Prof^a. Dr^a. Roxane Rojo, a partir de um gênero oral, palestra/webconferência, com o

seguinte título: *O impacto dos multiletramentos no contexto da pandemia*, que acontece através da plataforma digital *YouTube*, possuindo a durabilidade de 1 hora 25 minutos e 56 segundos. Em seguida, de maneira específica, visamos: (1) identificar as marcas da oralidade e a gradiência da fala, em que há a variação entre: o formal, o informal e o semiformal; (2) destacar que, além da escrita, a fala tem um papel essencial para a comunicação humana.

Para atingir os objetivos pré-estabelecidos, tomamos a metodologia de cunho qualitativo, em que almejamos valorizar a qualidade da fala, partindo da realização de análises com foco na oralidade. Assim, de acordo com Paiva (2019, p.13), “A pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais [...]”. Nesse sentido, torna-se relevante utilizá-la para a produção deste estudo.

Sendo assim, justificamos a pesquisa como fundamental para o âmbito educacional, haja vista a contribuição do estudo do gênero oral. Já o gênero *webconferência* abre um leque de possibilidades direcionadas aos educadores, para que possam trabalhar os fenômenos variacionais da fala, mesmo diante dos desafios pandêmicos e, além disso, apresentá-los, contrapondo a perspectiva preconceituosa e restritiva no uso do evento de fala.

Para este estudo, lançamos mãos dos pressupostos teóricos, postulados por Marcuschi (2010), Barreto e Rocha (2020), Sabata e Luiz (2013), Soares (2020), Damasceno (2020), Senhora (2020) Santos e Monteiro (2020), Bezerra (2017), Castro, Bastos e Vargas (2012), Silva, Goulart e Cabral (2021), Gil (2002), Lakatos e Marconi (2003), Pinheiro (2011), Prodanov e Freitas (2013), Paiva (2019), Bagno (2007), Brasil (1997), Ferreira (2001), Peres (2007), Pinheiro (2019), Castilho (2014), Machado e Júnior (2021). Diante disso, tais arcabouços teóricos forneceram caminhos que resultaram na produção deste estudo sobre o gênero *webconferência/palestra* em meio ao contexto pandêmico.

No entanto, o nosso foco analítico é voltado inteiramente à oralidade em meio ao gênero palestra, de modo que realizamos a *transcrição* conversacional, voltada ao *corpus* da presente investigação.

Diante dos pontos que evidenciamos, visando um melhor desenvolvimento desta pesquisa, realizamos subdivisões, as quais foram distribuídas da seguinte forma: além desta parte introdutória, apontamos, em seguida, as nossas considerações iniciais sobre as interações remotas, como consequência da

pandemia da Covid-19, visto que as reuniões familiares, trabalhistas e as aulas passaram a acontecer, remotamente, através dos gêneros digitais. Logo após, delimitamos o *corpus* desta pesquisa, a palestra/webconferência, ministrada por Roxane Rojo, intitulada: *O impacto dos multiletramentos no contexto da pandemia*.

Posteriormente, destaca-se um capítulo, apresentando um breve estudo sobre os gêneros textuais e digitais, os quais passaram a nos auxiliar, ainda mais, neste contexto remoto.

O capítulo seguinte apresenta as noções da pesquisa científica que embasam esta investigação, a saber: a pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico.

Seguidamente, nos capítulos seguintes, conceituamos não apenas o gênero oral palestra, mas também a *webconferência*, visando um maior esclarecimento direcionado ao leitor.

A seguir, abordamos nossos apontamentos, análises e discussões, distribuídos em dois capítulos, apresentando, de forma inicial, a estrutura da análise oral, a qual ocorre a partir da transcrição e, além disso, mencionamos os marcadores discursivos, encontrados na oralidade (CASTILHO, 2014, p. 226-229).

Para tanto, no segundo momento, adentramos na análise dos trechos proferidos por Roxane Rojo e Keila, destacando as variações linguísticas e marcas orais presentes nas oralizações realizadas e, ainda assim, apresentamos a distinção entre oralidade e escrita, enfatizando a relevância de ambas para o contexto comunicacional. Por fim, apresentamos as nossas considerações finais e as referências utilizadas.

Portanto, nesta pesquisa, há uma considerável relevância, no que diz respeito à melhoria do ensino, exatamente por ser contrária aos preconceitos direcionados aos eventos de fala e, para além disso, também relatamos a questão da COVID-19, a qual trouxe as ações de isolamento social e ocasionou a necessidade de adaptações emergenciais de ensino e, como consequência disso, o gênero *webconferência* ganhou um novo espaço tanto no meio acadêmico quanto no ambiente corporativo.

2 IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19: ENFRENTAMENTOS DIÁRIOS

O novo coronavírus surgiu na cidade de Wuhan – a qual se encontra localizada na China – e a sua primeira ocorrência foi em 31 de dezembro de 2019. Partindo do que foi exposto, torna-se relevante descrever que o novo coronavírus é um vírus que causa infecções respiratórias, provocando a doença chamada COVID - 19 (SANTOS; MONTEIRO, 2020, p. 2).

Nesse contexto, o primeiro caso do coronavírus no Brasil ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020 em um morador da cidade de São Paulo, que havia realizado uma viagem à Itália entre os dias 9 e 21 do mesmo mês. A partir desse fato, houve a contaminação por covid-19 de maneira descontrolada no país, que acarretou em diversas consequências, tais como: o fechamento de escolas, o distanciamento social, entre outros.

A covid-19 se propagou de forma desenfreada, fazendo-se necessária a aplicação do distanciamento social, acompanhado do uso do álcool gel e das máscaras, visando, assim, um “controle” da contaminação. Dessa forma, Santos e Monteiro (2020, p.3) argumentam que “o isolamento é definido como a ação que objetiva a separação de pessoas sintomáticas ou assintomáticas”.

Desse modo, torna-se relevante mencionar que o coronavírus traz sintomas, como: tosse, febre, dor de garganta, dificuldade para respirar, perda do olfato, alteração do paladar, mas que, em contrapartida, existem pessoas que são assintomáticas. Ele se espalha através do contato físico, de modo que pessoas portadoras dos sintomas virais, ao pegar em objetos, tossir, espirrar e/ou ficar em locais fechados, transmitem a doença.

O termo pandemia, conforme o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2001, p.511), é definido como uma “Epidemia que ocorre em grandes proporções em região, país ou continente, ou, até mesmo, por todo o planeta”. Portanto, a covid-19 não é a primeira pandemia que abala o mundo. Dentre as que já existiram, temos: o vírus H1N1, a peste negra, o sarampo, a peste bubônica, a varíola, dentre outras e, assim, podemos encontrar tais afirmações no vídeo do *YouTube*, publicado pela página *Band Jornalismo* (AS PANDEMIAS, 2020).

As pandemias supracitadas deixaram suas marcas negativas em vários setores. Dessa forma, conseqüentemente, milhares de pessoas morreram, sendo necessária a aplicação do isolamento social. Vale lembrar que, no contexto atual, o

sarampo, por exemplo, ainda é uma doença que afeta diversas pessoas e, em algumas ocasiões, leva o paciente à morte.

Para tanto, no dia 12 de março de 2020, a referida doença passou a ser considerada uma pandemia, por haver um alto contágio; o que, conseqüentemente, afetou não apenas uma cidade ou um país, mas o mundo de maneira alarmante, trazendo inúmeras mortes e o receio por parte da população de contrair tal doença, conforme se observa no gráfico 01:

Gráfico 01 – Número de casos confirmados de COVID-19 no Brasil até 30 de abril de 2020.

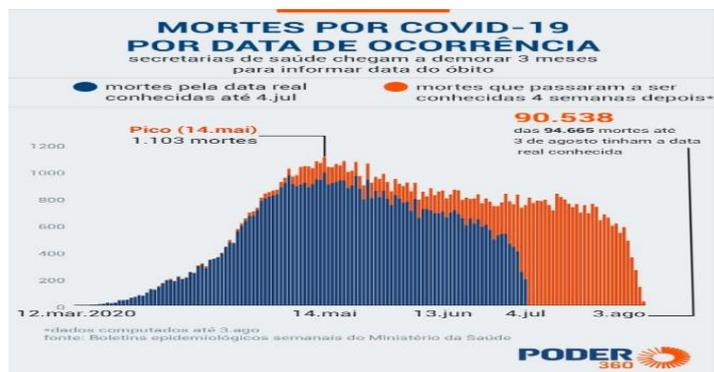


Fonte: <https://images.app.goo.gl/h4QY2rCgh4amkWzXA>

No Gráfico 01, é evidente a elevação do número de casos, contabilizado em apenas 65 dias, desde o primeiro contágio até o dia 30 de abril de 2020. Então, a partir desse gráfico quantitativo, podemos confirmar a existência da alta propagação da covid-19, a qual afetou não apenas o Brasil, mas também diversos países. Nesse caso, torna-se relevante ressaltar que esta pandemia, além de contagiosa, é extremamente perigosa, por, muitas vezes, levar à morte alguns pacientes.

Nesse sentido, a propagação acontece de maneira contínua e devastadora, trazendo inúmeras conseqüências sociais, pois a doença afeta não apenas os ambientes familiares, como também os espaços profissionais empregatícios e os ambientes acadêmicos, como: escolas e universidades. Para tanto, podemos vislumbrar, no gráfico 02, a alta quantidade de óbitos que ocorreu no Brasil de março a junho de 2020:

Gráfico 02 – Número de Óbitos de COVID-19 no Brasil de março a junho de 2020



Fonte: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/14-de-maio-continua-sendo-pico-de-mortes-por-covid-19-no-brasil/>

Com relação ao Gráfico 02, podemos perceber um preocupante aumento do número de mortes por covid-19. Dessa forma, foi realizada uma contagem do dia 12 de março até o dia 03 de agosto do ano de 2020, ou seja, dentro de quase cinco meses, houve 90.538 óbitos no Brasil, pelo referido vírus, tornando indispensável a realização de cuidados higiênicos e o fator do isolamento social.

Seguindo tal perspectiva, o contágio em massa e o descontrole do surto acarretaram numa superlotação dos leitos hospitalares e, assim, o coronavírus passou a ser o foco de tratamento, por ser altamente fatal. Além disso, há uma preocupação considerável em relação aos profissionais da saúde, pois o risco de infecção, para essa classe de trabalhadores, é maior, haja vista que eles estão na linha de frente do combate ao vírus.

2.1 Mutações do vírus da Covid-19 e vacinação limitada

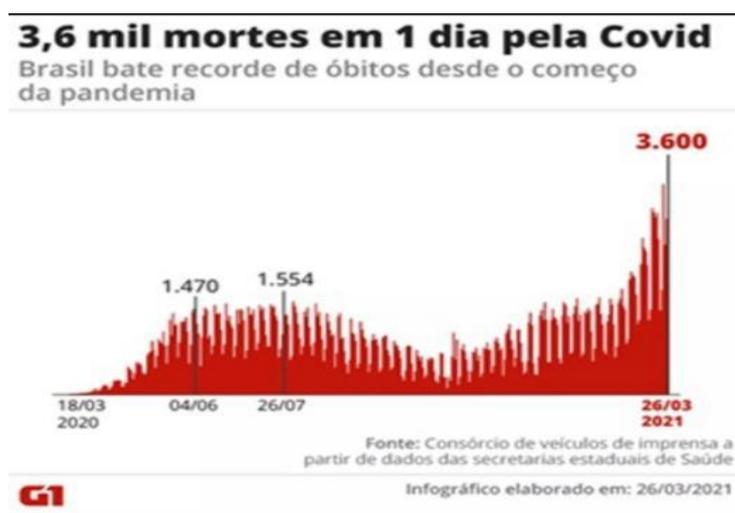
O mundo sofreu e ainda está sofrendo com as terríveis consequências deste vírus, pois este vem passando por mutações, que podem estar relacionadas ao número recorde de mortes, afetando, em sua grande maioria, os jovens, por terem menos cuidados higiênicos e por desrespeitarem o fator do distanciamento social.

Nesse sentido, com o descontrole da pandemia, surge a questão da segunda onda, a qual eleva a quantidade de mortes por covid-19, aumentando o desemprego e a fome, atingindo diretamente a população mais carente.

Assim, com relação ao novo aumento no número de mortos por coronavírus, o jornal G1 Globo expôs que “O Brasil está há mais de 20 dias com média móvel de

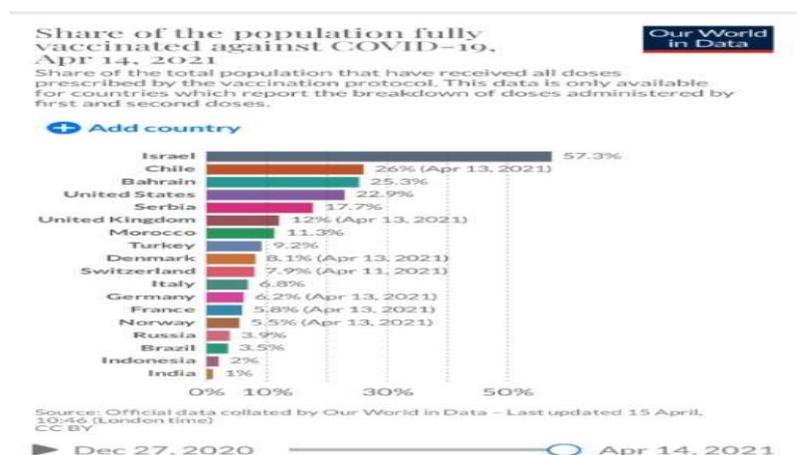
mortes pela Covid-19 acima de 1 mil por dia. Agravada pelas reuniões de fim de ano, a segunda onda de contágios se intensifica e, além de ter feito a contagem de vítimas passar de 236 mil”. Diante dos fatos, a situação volta a ser preocupante e desafiadora, porém, com maior grau. De acordo com o gráfico 03, podemos visualizar esse aumento:

Gráfico 03 – Número de mortes em 1 dia por COVID-19 no Brasil



Fonte: [https://s2.glbimg.com/IYUgixtjuPWqHmTuhTCBnRWNwpM=/0x0:650x572/984x0/smart/filters:strip_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2021/K/h/YzADGSBSvMxRBQUFrkQ/recorde-mortes.png](https://s2.glbimg.com/IYUgixtjuPWqHmTuhTCBnRWNwpM=/0x0:650x572/984x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2021/K/h/YzADGSBSvMxRBQUFrkQ/recorde-mortes.png)

No gráfico 03, que corresponde ao número de mortes por dia, referente ao vírus da Covid-19, podemos visualizar a elaboração imagética e quantitativa do dia 26 de março de 2021. Entretanto, mediante a situação alarmante em todo o mundo, da disseminação da pandemia e do extenso número de mortes, houve a necessidade de uma ação imunizante contra este vírus, portanto, ocorreu a primeira aplicação da vacina *CoronaVac*, no Brasil, no dia 17 de janeiro de 2021, após a aprovação da Anvisa. Com isso, Machado e Júnior (2021, s/p) destacam, no site G1, que a vacina foi aplicada na “enfermeira Mônica Calazans, de 54 anos, moradora de Itaquera, na Zona Leste da capital paulista”. E, além dela, outros 112 profissionais da área da saúde foram imunizados neste mesmo dia.

Gráfico 04 – Situação da vacinação no mundo em 14 de abril de 2021

Fonte: <https://operamundi.uol.com.br/coronavirus/67957/mapa-da-vacinacao-no-mundo-quantas-pessoas-ja-foram-imunizadas-contra-covid-19>

O gráfico 04, que equivale ao dia 14 de abril de 2021, corresponde à situação da vacinação no mundo, no que tange ao combate do coronavírus. A primeira dose da *CoronaVac* ainda se encontra direcionada, de forma inicial, a pequenos grupos, exatamente por haver a escassez da vacina. Desse modo, segundo a publicação da *BBC News* (2021, s/p), no *site G1*, estão sendo vacinados os profissionais da saúde, os quais atuam na linha de frente contra a covid-19; os idosos, que moram em asilos; os indígenas, estes que vivem em aldeias e, em alguns estados, também estão sendo imunizados os moradores de rua.

Portanto, aos poucos, está havendo a distribuição da vacina, porém, a imunização apenas estará completa ao aplicar a segunda dose. Nesse sentido, a população deve permanecer com os cuidados necessários ao enfrentamento desse vírus, utilizando as máscaras, o álcool gel e/ou lavando as mãos com água e sabão e, principalmente, mantendo o fator do distanciamento social, apenas saindo de casa quando for realmente necessário.

Dito isso, apresentaremos, nas próximas linhas, uma discussão acerca dos gêneros textuais, descrevendo suas características e a relevância de seu uso, além de evidenciar alguns aspectos históricos, a partir das contribuições teóricas, realizadas por Marcuschi (2010), Paula (2011), PCN (2001), Bezerra (2017), entre outros.

3 UM ESTUDO SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

Iniciaremos esta seção, partindo do pressuposto básico, levantado por Marcuschi (2010, p.22), no qual “a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. De acordo com o autor, os gêneros textuais são fenômenos históricos, diretamente vinculados à vida cultural e social, altamente maleáveis e que surgem de acordo com as atividades socioculturais e com as inovações tecnológicas.

Nesse sentido, os gêneros textuais são utilizados diariamente e o seu uso está interligado às necessidades comunicativas que os falantes possuem. Desse modo, a língua se modifica, através da interação e da comunicação diária. Vale dizer que tais gêneros acompanham as mudanças históricas e tecnológicas da sociedade.

Em continuidade ao fator histórico, Paula (2011, p.192) destaca que “Nos dias de hoje, em decorrência do desenvolvimento dos meios de comunicação e da cultura eletrônica, os gêneros expandiram-se tanto na forma escrita quanto na oral”. Nesse sentido, essas expansões em massa dos gêneros estão diretamente ligadas ao fator da tecnologia, a qual se encontra em contínuo desenvolvimento.

Partindo dessa perspectiva, os gêneros textuais estão presentes no nosso cotidiano, por exemplo, ao conversarmos com algum colega e/ou parente, pelo aplicativo *Whatsapp*; neste caso, estamos, de certa forma, utilizando o gênero “carta pessoal”, porém, de forma atualizada. Sendo assim, houve a atualização do manual para o digital, em que outrora as cartas/mensagens eram manuscritas com a utilização do papel e caneta/lápis comum.

Por outro lado, as mensagens realizadas pelo *Whatsapp* se encontram no meio digital e, além disso, o usuário tem a possibilidade de utilizar elementos, como: *emojis*, músicas, fotos, vídeos, dentre outros. Dessa forma, com o decorrer do tempo e com o avanço tecnológico, os gêneros se modificaram, alcançando novas características, ganhando, por exemplo, uma nova roupagem. Seguindo essa perspectiva, Marcuschi (2010, p. 21) afirma que:

Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações ab ovo, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. [...] A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Veja-se o caso do telefonema, que apresenta similaridade com a conversação que lhe preexiste, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias.

Dessa forma, vale destacar que a linguagem é diversificada e tudo pertencente a ela também o é, o gênero, por exemplo, pode acontecer de maneira escrita ou oral; ambas as formas são essenciais e, como tais, podem até unir os seus papéis. Com relação a isso, Paula (2011, p.192) afirma que acontece “certo hibridismo”, podendo acontecer através do ato de verbalizar a notícia escrita.

Para Marcuschi (2010, p.35), com relação ao gênero textual, ele destaca que “Esta circunstância ou característica dos gêneros torna-os, [...] fenômenos bastante heterogêneos e, por vezes, híbridos em relação à forma e aos usos”. Assim, o uso que fazemos do gênero pode determinar, significativamente, se este será oral, escrito e/ou híbrido. Desse modo, na figura 01 a seguir, podemos visualizar a distinção entre gênero e tipo textual:

Figura 01 – Definição dos tipos textuais e gêneros textuais

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos;	2. constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, <i>outdoor</i> , inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Fonte: MARCUSCHI, 2010, p. 24.

De um lado, temos os gêneros textuais, os quais são inúmeros e se renovam a partir dos avanços tecnológicos e das necessidades comunicativas. Dentre a imensa quantidade de tais gêneros, podemos destacar: a palestra, a reportagem, o cardápio, a receita etc. Nesse sentido, Marcuschi (2010, p.31) argumenta que “Existem estudos feitos por linguistas alemães que chegaram a nomear mais de 4.000 gêneros”.

Por outro lado, os tipos textuais são distribuídos em cinco, sendo eles: a narração, a exposição, a argumentação, a injunção e a descrição. Dessa forma, essas sequências fazem parte dos gêneros e possibilitam destacar as

características de um texto; a receita, por exemplo, é repleta de verbos que indicam o comando.

Em vertente educacional, ao entrelaçar gênero e ensino, Marcuschi (2010, p.35) destaca a ideia central encontrada dentro dos PCNs, a qual sugere “[...] que o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos”. Nesse contexto, os gêneros, por se encontrarem interligados ao ambiente social, devem ser utilizados como base para trazer a funcionalidade textual. Partindo disso, podemos visualizar nos PCNs (1997, p. 15) que

O domínio da língua tem uma estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, temos acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, [...] produz conhecimento. Assim, um projeto educativo, [...] atribui à escola a função [...] de garantir, [...] o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.

Dessa forma, dominar a língua portuguesa vai muito além de apenas conhecer e entender os códigos linguísticos; afinal, o que nos difere dos outros animais é a linguagem e é por meio dela que refletimos e agimos mediante a sociedade. Nesse caso, adquirimos o conhecimento na escola não para ficarmos à margem da sociedade, mas, sim, para compreendermos e acrescentarmos positivamente no meio social.

Destarte, o ensino de Língua Portuguesa deve estar ligado ao contexto, ao uso e não apresentado de maneira desconexa, como geralmente ocorre no ensino tradicional. Portanto, de acordo com os PCNs, termos o gênero textual como ponto de partida, é colocar em prática todo o conhecimento, possibilitando, assim, que o estudante, ao conquistar o diploma, saiba exercer a cidadania com excelência. Assim, em relação à dicotomia entre gênero textual e discursivo, podemos refletir que

Ao âmbito do ensino de língua portuguesa, que dificilmente poderá ser operacionalizado com proveito sem um tratamento equilibrado de discurso, gênero e texto. [...] abordagens baseadas na distinção entre gêneros discursivos e gêneros textuais, entendida como dicotomia, parecem desconhecer essa necessidade de equilíbrio ao optar por um pólo em detrimento do outro (BEZERRA, 2017, p. 31).

Nesse sentido, o equilíbrio do ensino de língua portuguesa está na base do gênero, não de maneira dicotômica, mas, sim, complementar, possibilitando um

ensino-aprendizagem de maneira equilibrada e eficiente. Em conformidade com isso, tal visão fornece meios educacionais que resultam em ações de formação positiva, não apenas para o meio escolar, mas também para o meio social.

A esse respeito, é válido destacar a noção de gênero para Marcuschi (2010, p.23), a qual indica que os textos materializados, que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas, são, por exemplo, a aula expositiva, a reportagem jornalística. Por outro lado, os gêneros textuais, para o referido autor, devem ter um papel funcional referente à sociedade.

Em vertente similar, Bakhtin defende a ideia de que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero textual” (MARCUSCHI, 2010, p.22). Nesse contexto, tal autor defende a referida ideia, por considerar o ser humano como ser social e comunicativo, o qual interage cotidianamente com o outro, ou seja, considera a função e a realidade que a língua possui.

Portanto, há o pensamento de concordância entre Marcuschi, Bakhtin e os PCNs, os quais visualizam e definem os gêneros como fundamentais, não apenas para o ambiente de ensino, mas também para a comunicação verbal e textual como um todo. Para Marcuschi (2010, p.23), “os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo”.

3.1 Gêneros digitais no ensino remoto

Os gêneros digitais fornecem a todo o momento atualizações e melhorias, para nos auxiliar nas tarefas diárias, seja no trabalho ou na escola. Então, as aulas remotas, pelos meios digitais como *Google Meet* e *Google Classroom*, possibilitam aulas “síncronas e assíncronas” (SANTOS; MONTEIRO, 2020, p.12) e a interação ocorre através dos recursos: áudio, imagens, vídeo conferência, espelhamento e *chat*, pois, de acordo com Senhoras (2020, p. 130), as aulas passaram a ser remotas à medida que

Na fase de maturação da pandemia intranacionalmente, a aceleração do número de pessoas contaminadas e do eventual número de mortes no tempo e no espaço, fizeram com que outras localidades e regiões não identificadas, como epicentros da pandemia, passassem a adotar iniciativas de isolamento social e por conseguinte, repercutindo no fechamento total de unidades educacionais.

Desse modo, o contexto pandêmico está trazendo um “novo momento” digital, o qual está presente em nosso dia a dia, pois “O uso massivo das tecnologias digitais foi incorporado às distintas práticas humanas, quer seja de trabalho, lazer e/ou entretenimento” (DAMASCENO, 2020, p.3). Portanto, com a chegada da pandemia, o meio tecnológico está se fazendo ainda mais presente em nossas ações, seja no trabalho, na escola ou para a diversão. Com relação à perspectiva escolar, Silva, Goulart e Cabral (2021, p. 411) afirmam que

[...] com base no contexto mundial de Pandemia e isolamento, foi preciso pensar em estratégias pedagógicas para minimizar os impactos da ausência do ensino presencial na formação dos estudantes. E muitas dessas estratégias recaíram no uso de recursos tecnológicos e meios digitais, como os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) e a internet.

Com base no exposto e em conformidade ao raciocínio de Senhoras (2020, p. 133), “O uso da internet para o ensino a distância se caracterizou como uma estratégia muito pertinente para a continuidade dos estudos de adolescentes e adultos”, além de auxiliar nos estudos de crianças no meio educacional. No entanto, existe o lado negativo que, por sua vez, trata-se da inconstância do sinal da internet, o qual possibilita a interrupção das aulas de maneira inesperada, prejudicando, assim, o desenvolver dos conteúdos, conforme indica a Figura 02:

Figura 02 – Distinção entre aula síncrona e assíncrona



Fonte: SOARES, 2020, p. 8.

Seguindo essa linha de pensamento e com base na Figura 02, Barreto e Rocha (2020, p.8) argumentam outro fator negativo, que seria a “[...] pouca interação entre aluno e professor, uma vez que só o professor fala o que corresponde a uma

educação acrítica, desprovida de uma prática democrática”. Nesse caso, a maioria dos alunos não liga as suas câmeras e não interage com o professor.

Além disso, cabe aqui ressaltar que, no ensino remoto, a desigualdade social se tornou ainda mais nítida no que diz respeito à falta de acesso à internet ou à ausência de aparelhos tecnológicos, para manusear. Assim, assistir às aulas, de maneira remota, torna-se impossível para esses educandos. Com base nisso, Barreto e Rocha (2020, p. 9-10) afirmam que “Muitos alunos e alunas não possuem acesso à internet e não dispõem de espaço adequado para o desenvolvimento de estudos nas residências”.

Diante disso, algumas instituições de ensino estão fornecendo recursos e/ou auxílios, para tentar reduzir esse fator desigual. A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) foi uma dessas instituições que proporcionou um processo seletivo através do envio de dados, visando identificar os alunos mais necessitados no quesito tecnológico. Assim, foram oferecidos dois auxílios: (1) aquisição de equipamentos (1.000,00 – parcela única); (2) auxílio conectividade (100,00 mensais). Então,

Mesmo com esses enfrentamentos e desafios, a Educação resiste! Resiste, quando observamos um número significativo de professores e professoras, que mesmo não sendo preparados, rendem-se ao desafio de uma nova prática pedagógica, ao preparar vídeos e atividades *on-lines*; resiste, quando pensamos em estratégias para serem desenvolvidas com os alunos que não possuem acesso às tecnologias (BARRETO; ROCHA, 2020, p.10).

Portanto, indo de encontro aos gêneros digitais, o presente escrito objetivou analisar a *Webconferência/palestra*, levando em consideração a estrutura do referido gênero, com um foco direcionado à oralidade realizada pela Prof^a. Dr^a. Roxane Rojo, durante uma palestra intitulada *O impacto dos multiletramentos no contexto da pandemia*.

4 METODOLOGIA

Numa perspectiva metodológica, é relevante destacar o que é e para que serve uma pesquisa. Nesse caso, a pesquisa é o momento em que o sujeito investiga determinados conteúdos, com o intuito de compreendê-los e analisá-los em busca de possíveis soluções, referentes aos problemas encontrados no decorrer da ação investigativa. Sendo assim, seguindo essa mesma linha de pensamento, Prodanov e Freitas (2013, p. 43) afirmam que

A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico.

Para tanto, a nossa pesquisa seguiu o cunho analítico-descritivo, juntamente com a abordagem de natureza qualitativa, definida por Paiva (2019, p.13) da seguinte forma: “pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais [...]”. Dessa forma, o nosso objetivo foi compreender a oralidade, visando uma maior notoriedade e qualidade desse setor comunicativo.

Perante o exposto, Pinheiro (2011, p.20) argumenta que “Diante de cada obra lida é indispensável interrogar, questionar, duvidar, concordar”. Nesse caso, o pesquisador tem o papel de buscar os aspectos bibliográficos, objetivando alcançar o esclarecimento de algumas dúvidas e problemas em relação ao tema escolhido. Portanto, após a escolha temática, deve haver pesquisas nos textos de autores que abordam o referido tema.

Nessa mesma linha de pensamento, o metodólogo Gil (2002, p. 44) conceitua a pesquisa bibliográfica como aquela que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Então, com o auxílio do material bibliográfico, é possível produzir pesquisas que estarão bem fundamentadas de maneira científica. Além disso, em conformidade com as autoras Lakatos e Marconi (2003, p.225),

Uma procura de tais fontes, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para a não-duplicação de esforços, a não “descoberta” de idéias já expressas, a não-inclusão de “lugares-comuns” no trabalho. A citação das principais conclusões a que outros autores chegaram permite

salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes.

Dessa maneira, para a realização deste trabalho, utilizamos os arcabouços teóricos de Marcuschi (2010); Sabata e Rafael (2013); Damasceno (2020); PCNs (1997); Senhoras (2020); Paula (2011); Soares (2020); Castro, Bastos e Marques (2012), os quais possibilitaram o diálogo sobre a discussão dos gêneros textuais e digitais.

Por outro lado, Barreto e Rocha (2020); Santos e Monteiro (2020); Silva, Goulart e Cabral (2021) e o portal *G1 Globo* forneceram as bases para abordarmos a pandemia da COVID-19. Em continuidade, Paiva (2019); Gil (2002); Lakatos e Marconi (2003); Prodanov e Freitas (2013) forneceram embasamento para a produção metodológica. Posteriormente, Bagno (2007) refletiu sobre as variações linguísticas.

Nesse contexto, o tema deste trabalho foi pensado devido a duas situações: 1) a covid-19 e os seus impactos no mundo e no meio tecnológico, visto que tal meio passou a ser uma forma alternativa de enfrentar o distanciamento social; 2) a análise da oralidade através do gênero digital webconferência/palestra, no qual ressaltamos a importância que a fala possui para nós, seres extremamente sociais.

Por um lado, temos a pandemia do coronavírus, a qual trouxe diversos problemas sociais, dentre eles: as mortes, a fome, o ensino e o trabalho remoto, estes lotados de ausências/lacunas, seja pela dificuldade para manusear as ferramentas digitais, seja pela falta de recursos para adquirir os aparelhos eletrônicos ou, até mesmo, para aquisição de internet. Assim, o gênero digital possui lados positivos e negativos.

Em continuidade, a ferramenta digital, *Google Meet*, por exemplo, possibilitou uma interação remota, facilitando a comunicação através do audiovisual, além da possibilidade de apresentar arquivos, do fator de espelhamento e das conversas por mensagens. Porém, existe o lado negativo, que, na maioria das vezes, reflete em aulas interrompidas pela questão da queda ou sinal fraco da internet, enfrentado, de forma ampliada, na zona rural.

Nesse sentido, o entrelaçar desses dois pontos possibilitou uma curiosidade acerca da oralidade dos enunciadores em meio ao mundo digital, uma vez que o objetivo foi ressaltar que, além da escrita, a fala também é essencial. Portanto, a relevância surge do fator social, pois a oralidade deve ser vista em seu lugar de

prestígio, pois a fala transcende as particularidades existentes no sujeito e apresenta o lado da diversidade humana.

Seguindo essa vertente, o *corpus* desta pesquisa gira em torno da pluralidade que a língua oral possui, mas que, por infelicidade, ela é vista de forma preconceituosa, pois, na maioria das vezes, o vocabulário diversificado dos nordestinos, dos pobres e daqueles que não tiveram acesso à formação escolar está associado a um desprestígio social, econômico e cultural. Porém, a beleza existente no Brasil está ligada diretamente às diversidades.

Por fim, esta pesquisa de conclusão de curso de graduação possibilitou mencionar tanto os impactos da covid-19 quanto a visão de que não existe a fala certa e/ou errada, mas, sim, a adequação, já que o fator determinante é o ambiente no qual o enunciador se encontra inserido. Portanto, a relevância aqui é de caráter social, envolvendo a questão desconstrutiva do preconceito linguístico. Além disso, conseguimos apresentar o meio tecnológico como possibilidade alternativa de ensino e interação.

4.1 Etapas da pesquisa

Logo após a exposição, descrição e estudos acerca dos materiais bibliográficos, realizamos análises referentes ao material utilizado e, por fim, seguimos para o momento de confronto dos resultados obtidos em comparação aos teóricos utilizados, para fundamentar tal pesquisa. Dessa forma, esta investigação foi realizada a partir das seguintes etapas:

- ✚ Observação e coleta de dados direcionados à palestra *O impacto dos multiletramentos no contexto da pandemia*, realizada pela Prof^a. Dr^a. Roxane Rojo, via *YouTube*;
- ✚ Pesquisa bibliográfica em relação ao tema exposto, em que foram apresentadas e desenvolvidas questões sobre os impactos da covid-19; a variação linguística e o preconceito atrelado à fala certa e/ou errada;

- ✚ Pesquisa e leitura de textos bibliográficos, os quais apresentam reflexões sobre a pandemia e as vertentes variacionais da fala e dos gêneros orais e digitais;
- ✚ Parte analítica dos resultados obtidos durante a pesquisa e confronto dos materiais bibliográficos sobre o presente tema.

5 CONCEITUAÇÃO E OBJETIVOS DO GÊNERO DISCURSIVO PALESTRA

A palestra, de acordo com o dicionário *online* de português, consiste em uma “Conferência breve sobre assunto científico ou literário”. Dessa maneira, o referido gênero é de cunho formal e, como consequência, o ato da oralidade deve acompanhar uma perspectiva formalizada. Assim, há necessidade de uma adequação linguística ao ambiente, caracterizando uma linguagem inteiramente formal. Sabendo disso, Sabata e Rafael (2013, p. 196) argumentam que

A palestra está sendo compreendida enquanto gênero essencialmente oral formal, mediado pela produção de um texto escrito, e proferido para pessoas que consideram o tema importante ou pertinente. Geralmente deve ser proferida por alguém que domina um assunto específico e que tem propriedade para falar sobre ele.

Nesse sentido, o palestrante deve conhecer, estudar e planejar o conteúdo, para que, no ato discursivo oral, fique claro o domínio do tema exposto, com clareza e coesão, destacando os seus objetivos com aquela determinada exposição e proporcionando uma reflexão por parte do público, pois a característica principal da palestra é a de um “[...] texto previamente planejado, geralmente na modalidade escrita” (SABATA E RAFAEL, 2013, p. 196).

Seguindo essa linha de pensamento, tais estudiosos afirmam que o palestrante deve procurar autores que forneçam um embasamento teórico, referente ao tema em questão, visando a um bom desenvolvimento e exposição. Para além disso, destacam que, durante a palestra, deve haver “[...] exemplificações com a finalidade de conduzir os destinatários a uma atitude, seja ação no mundo seja reflexão pessoal” (SABATA; RAFAEL, 2013, p. 196).

Entretanto, é necessário destacar que, durante a palestra, o/a expositor/a “precisa estimular o público e envolvê-lo do início ao fim de sua exposição, apontando direções para as quais as pessoas podem ou devem seguir a fim de conseguir um determinado objetivo” (SABATA; RAFAEL, 2013, p. 197). No entanto, como foi destacado aqui, o gênero palestra possui um modelo a ser seguido, caso contrário, a exposição será considerada híbrida, por conter elementos de outros gêneros textuais.

Portanto, “por ser um gênero cuja linguagem utilizada deve ser formal, na palestra é possível, ainda, que haja interação [...] E é permitido envolver os

participantes no jogo enunciativo”. Desse modo, não é permitido escapar da formalidade inerente ao gênero (SABATA; LUIZ, 2013, p. 217-218) Para tanto, o gênero discursivo palestra tem por característica a propagação do discurso, com a intenção de argumentar, persuadir e influenciar o ouvinte.

5.1 Gênero discursivo *webconferência*/palestra

A *webconferência* é uma das tecnologias mais completas em relação ao ensino *online*, por abarcar várias técnicas, as quais tornam a sala de aula virtual mais interativa. Assim, os participantes desta podem visualizar a todos, como também dialogar, tanto por áudio quanto por mensagens via *chat*. E, por esse motivo, acaba sendo visível a diminuição da distância transacional dentro desse espaço (CASTRO; BASTOS; VARGAS, 2012).

Concomitantemente, a palavra *webconferência*, derivada do Inglês *Web Conferencing* (CASTRO; BASTO; VARGAS, 2012), trata-se de encontros virtuais. Dessa forma, para utilizar esse método, é necessário que haja uma conexão com a internet, um *Smartphone* e/ou computador e, por fim, um aplicativo instalado no próprio aparelho ou mesmo sites que possam acessar o sistema virtual e se conectar com outras pessoas.

Para Soares (2020, p. 5), “*webconferências* são ferramentas poderosas para a realização de aulas, reuniões, encontros, oficinas e palestras de forma remota”. Nesse sentido, o gênero digital *webconferência* vem sendo utilizado em cursos a distância, (EaD), tendo em vista uma proximidade entre professor e aluno, o que possibilita a interação, pois, consideravelmente, esse gênero possibilita o uso de câmeras, de modo que o docente e o educando podem se ver e, além disso, enviarem mensagens de texto, utilizarem o microfone, ou seja, permite aos usuários uma aula em tempo real.

Sendo assim, em meio à pandemia da Covid-19, o uso desse gênero e de outros se tornou ainda mais indispensável, uma vez que as aulas presenciais seriam impossíveis, diante do precário cenário atual. A *webconferência* é apontada como significativa, uma vez que o aluno pode tirar dúvidas durante a aula, bem como apresentar seminários e, ao mesmo tempo, estar em contato com outros educandos, o que torna o espaço mais dinâmico e interativo.

Portanto, torna-se fundamental mencionar como realizar uma *webconferência*. Nesse contexto, Soares (2020, p. 8) destaca três passos fundamentais para isso: 1) Uma plataforma de *webconferência*; 2) Dispositivos eletrônicos compatíveis (celulares ou computadores); 3) Pessoas interagindo.

Figura 03 – Requisitos para realizar uma *webconferência*



Fonte: SOARES, 2020, p.10.

Desse modo, apresentaremos, nas próximas linhas, a discussão analítica acerca da oralidade na palestra *O impacto dos multiletramentos no contexto da pandemia*, a qual aconteceu em condições remotas, partindo de uma *webconferência*. Tal discussão será embasada por Sabata e Luiz (2013), Bagno (2007) e Marcuschi (2010).

5.2 Discutindo à oralidade em meio ao gênero palestra/*webconferência*

Inicialmente, sabemos que a oralidade é, de fato, importante para a intelectualidade e formação dos seres humanos em meio à sociedade, porém, na escola, a fala passa a não ser tratada com tanta relevância. Desse modo, desde a primeira edição dos PCNs, 1997, que se evidencia uma preocupação com o ensino da oralidade, destacando que esta pode ser trilhada tanto quanto a escrita. Sendo assim,

O ensino da oralidade já era previsto como parte do conteúdo da disciplina de língua portuguesa, ou seja, não era um apêndice ou algo que deveria ser feito em horários de folga em dias de festa, mas sistemática e permanente.

Isso, desde que temos notícia, nunca ocorreu na escola pública brasileira (CARVALHO; FERRAREZI JR, 2018, p.24).

Nessa medida, o docente não precisa ensinar como se fala, uma vez que o aluno já entra na escola falando; contudo, é necessário que o educador trabalhe os usos e os modelos da língua, estimulando a reflexão dos discentes. Porém, “isso não poderá ser feito de forma sistemática e duradoura se não houver planejamento, se tais ações não fizerem parte da **ação pedagógica**” (CARVALHO; FERRAREZI JR , 2018, p. 25). (grifos do autor)

Destarte, em 2017, foi aprovado outro documento, a Base Nacional Comum Curricular. Porém, mesmo a BNCC substituindo de vez os PCNs, o trabalho com a fala não ficará de lado, pois os dois “projetos” reconhecem a importância desse ensino nas escolas.

A prática da oralidade permite aos cidadãos, experiências com os usos da linguagem, bem como o falar e o escutar diante das interações com o meio social. Assim,

[...] até que os PCN venham a ser substituídos integralmente pela BNCC, as questões relativas ao ensino da oralidade como expostas anteriormente serão mantidas, pois fazem parte da formação mínima exigida no âmbito da escolaridade básica para o campo da comunicação (CARVALHO; FERRAREZI JR, 2018, p. 27).

Em síntese, tal documento orienta como o docente deve tratar e/ou trabalhar a oralidade enquanto mediador da aprendizagem. Além disso, é possível ainda afirmarmos que a fala também está, segundo o texto, “associada à Língua Brasileira de Sinais e a dimensão “ética” só se revela na preocupação com sua utilização para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva ”(CARVALHO E FERRAREZI JR, 2018, p.28)

Diante do já exposto, uma das orientações do texto, para o professor, é que ele leve em consideração os gêneros orais, com a finalidade de estimular os discentes à reflexão sobre os âmbitos sociais, como também as multimodalidades presentes nos textos. Portanto, não será apenas uma aula teórica, mas, sim, dinâmica e interativa, pois leva o aluno ao entendimento da sua cultura, diante da variação linguística e sua relação com os gêneros textuais.

A fala e a escrita possuem as suas próprias características e, por isso, são distintas, porém, segundo Marcuschi (2010), elas não são suficientemente

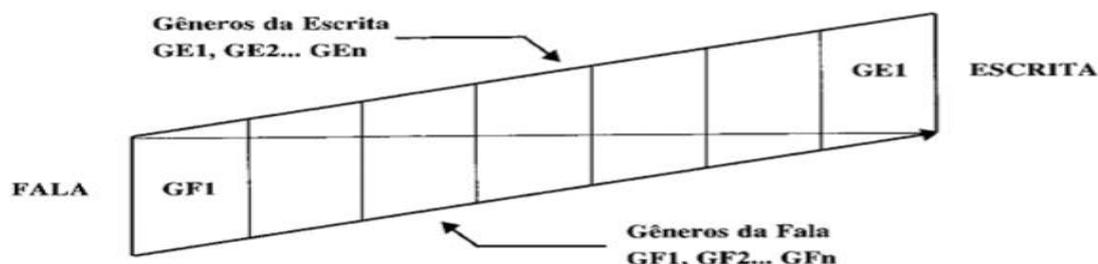
diferentes, para serem declaradas opostas e analisadas a partir de uma dicotomia, mas são vistas por ele como elementos complementares, ligados ao uso, cada qual com a sua importância e momento a partir das práticas sociais:

[...] as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. Em consequência, temos a ver correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear (MARCUSCHI, 2010, p. 37).

Dessa forma, tanto a fala quanto a escrita estão presentes nos gêneros textuais, possuindo papéis relevantes. Sendo assim, Marcuschi (2010) afirma que não deve haver comparações entre ambas. Isso acontece, porque os dois elementos são utilizados de forma natural, a partir da necessidade e do modo como o usuário passa a utilizá-los: “Os textos entrecruzam sob muitos aspectos e por vezes constituem domínios mistos” (MARCUSCHI, 2010, p.38).

Assim, a partir das práticas sociais, os usuários podem possuir o domínio dos dois gêneros linguísticos. E, ao haver a interação entre eles, por exemplo, através das redes sociais – *o whatsapp, o messenger, o google meet*, entre outras – há a possibilidade de utilizar não apenas a escrita, mas também a oralidade, transformando-as em aspectos complementares ou *mistos*, ou seja, nesses contextos, os falantes as utilizam para formar os seus discursos, como evidencia o quadro 1:

Quadro 01 – fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais



Fonte: MARCUSCHI, 2008, p. 38.

Dessa forma, constantemente ocorre o uso dos gêneros da fala e da escrita, de forma conjunta, isto é, nos mais variados contextos e situações, os usuários utilizam tais gêneros, de acordo com as suas necessidades e desejos, por exemplo:

o professor, ao ministrar a sua aula, faz uso de ambos. Dessa forma, se a partir de um deles o falante não conseguir informar ou descrever algo, o outro estará lá para fornecer um suporte/complemento.

Nessa perspectiva analítica, realizamos uma investigação referente aos aspectos da oralidade, haja vista a pouca notoriedade ao gênero, principalmente no meio educacional. No entanto, visando desconstruir o estigma da superioridade da escrita *versus* fala. Destacamos como foco, neste escrito, o elemento oral, o qual deve estar adequado, assim como a escrita ao ambiente em que o usuário profere o seu discurso. Nesse caso, adentramos ao gênero palestra, o qual acontece a partir do meio digital *Webconferência*.

Figura 04 – Print da tela: palestra através do *YouTube*



Fonte: <https://youtu.be/blfhHHGMHb0>

Sendo assim, para realizar a análise da presente pesquisa, seguimos o pensamento de Castilho (2014, p.226), que afirma que “O primeiro passo será transcrever esse *corpus*”. Ademais, o referido autor acrescenta que “sem transcrição dos materiais, impossível realizar uma análise”. Seguindo essa perspectiva, analisamos, nesta monografia, a oralidade, tanto da expositora, Keila, quanto da ministrante, Roxane Rojo, através da *transcrição do corpus*, em que é definida pelo autor, aqui mencionado, como elemento fundamental.

Para tanto, ao realizar a *transcrição conversacional*, torna-se relevante seguir alguns critérios, sendo possível identificá-los no quadro 02:

Quadro 02 – Critérios de transcrição conversacional adotados pelo Projeto Nurc

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	...do nível de renda... () nível de renda nominal..
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento	/	e comê/ e reinicia
Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou das consoantes [r], [s]	:: ou :::	ao emprestarem os... êh:: o dinheiro
Sílabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	o Banco Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões
Comentários descritivos	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários do locutor que quebram a sequência temática *	--	a demanda da moeda – vamos dar essa conotação – demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando linhas	A. na casa da sua irmã? { sexta feira?
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos	**	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barREIra entre nós"...

Fonte: CASTILHO, 2014, p.226.

Por outro lado, vale destacar os *marcadores* discursivos, que, conforme Castilho (2014, p. 229-230), são elementos relevantes nos atos comunicativos, uma vez que possibilitam o uso de marcas que correspondem à recusa, aceitação de algo e, além disso, delimitam o começo, o meio e o fim de um enunciado. Tais marcadores trazem clareza e organização aos discursos. Com relação à identificação, Castilho (2014, p.229) enfatiza que

Há muitas formas de apresentação dos marcadores: pelas classes gramaticais pelo lugar que ocupam no enunciado, pela função que desempenham. É bom ter em mente que também essa classe é polifuncional, operando o mesmo item em mais de uma função.

Partindo dessa explicação, torna-se fundamental apresentar ao leitor o presente conteúdo, de modo detalhado. Para melhor descrever os marcadores, apresentamos o quadro 03, proposto por Castilho (2014, p.229):

Quadro 03 – Marcadores discursivos: funções e colocação no enunciado

MARCADORES PRAGMÁTICOS OU INTERPESSOAIS (= orientados para o interlocutor)	MARCADORES TEXTUAIS OU IDEACIONAIS (= orientados para o texto)
Iniciais: <i>ah... ch... ahn...</i> <i>olha...</i> <i>e aí, tudo bem?</i> <i>tudo em cima/riba?</i> <i>escuta... vem cá...</i> <i>como você sabe...</i> <i>mas...</i>	Iniciam o tópico: <i>bom...</i> <i>bem...</i> <i>assim...</i> <i>seguinte...</i> <i>por exemplo...</i> <i>e por falar em...</i> <i>quanto a ...</i> <i> você já ouviu a última?</i>
Mediais: <i>...é...</i> <i>...é claro...</i> <i>...exato...</i> <i>...né...</i> <i>...já entendendo...</i>	Recusam o tópico: <i>essa não!</i> <i>perai, sem essa!</i> <i>corta essa!</i> <i>xi: lá vem você de novo!</i>

Fonte: CASTILHO, 2014, p. 229.

Ainda sobre os *marcadores* discursivos, conforme o pensamento de Castilho (2014, p. 231): “os marcadores discursivos não são expressões obrigatórias” e, portanto, a sua ausência é marcada pelo símbolo \emptyset , em que “o símbolo vazio indica a ausência de uma expressão que poderia ter aparecido” (CASTILHO, 2014, p. 231).

Nessa medida, na transcrição textual, deve ser bem delimitada a expressão vocálica e a sua ausência, pois ambas fazem parte do contexto interacional, ou seja, em um diálogo, há a oralização e o silêncio preenchido por expressões faciais e corporais, que complementam o diálogo. Sendo assim, Castilho (2014, p.232) menciona que “algumas línguas [...] combinam o silêncio com a emissão do sinal fônico, e tanto um quanto o outro são significativos. Ou seja, significamos quando emitimos sinais ou quando calamos a boca, lançando mão do silêncio”.

Portanto, torna-se relevante mencionarmos que, nos discursos, é possível encontrarmos a repetição e a paráfrase, pois, segundo Castilho (2014, p. 234), “Repetir e parafrasear é fazer retornar à consideração algum tópico já conversado anteriormente”, visto que elas “se integram no processo básico de manutenção da interação”.

Nesse sentido, existem diversos marcadores discursivos que auxiliam diretamente na conversação, proporcionando coesão e coerência aos enunciados, além de possibilitarem uma maior compreensão ao momento interativo, pois esclarecem a situação, descrevem o contexto, retomam algo que já foi dito e assim sucessivamente.

Ao adentrar no cenário da palestra/webconferência, que tem por título *O impacto dos multiletramentos no contexto da pandemia*, da professora Roxane Rojo, podemos identificar uma linguagem formal, adequada à palestrante. No entanto, no desenvolvimento da palestra, tanto a expositora (Keila) quanto a palestrante (Rojo) realizam, em alguns momentos, durante os seus discursos, a gradiência do evento de fala. Assim, seguem, ao mesmo tempo, o modelo formal, informal e semi-formal nesse gênero, que sofre uma hibridização.

Para tanto, como o *corpus* desta pesquisa aborda o multiletramento, torna-se fundamental a sua conceituação. Assim, Rojo (2012, p. 19) destaca que são “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. Nesse sentido, Rojo (2012, p. 13) ressaltar que

O conceito de multiletramentos [...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Dessa maneira, as escritas ou apresentações preenchidas por multiletramentos são essenciais, pois, além de cativar e chamar atenção, a leitura de um texto e/ou a observação de uma palestra, por exemplo, podem ser mais didáticas e compreensíveis, isto é, no caso da ministração de uma palestra, o recurso do espelhamento é fundamental, pois é possível apresentar, através de slides, distintas imagens, diferentes textos, áudios, formas geométricas, dentre outros, que constituem a multiplicidade textual.

Por outro lado, anteriormente, a fala e a escrita eram vistas como opostas e havia a dicotomização entre ambas, apresentando as suas diferenças, mas essa vertente não mantém a igualdade valorativa. Nesse caso, houve a supervalorização da escrita, esta vista como a correta, a padronizada e a prestigiada, o que, conseqüentemente, colaborou para que houvesse a desvalorização da oralidade:

[...] examinavam a oralidade e a escrita como opostas, predominando a noção da supremacia cognitiva da escrita [...] Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

Em contrapartida, na contemporaneidade, surge uma nova perspectiva no que diz respeito à fala e à escrita, passando a ser visualizadas como práticas sociais, ou seja, ambas, a partir desse ponto de vista, são interligadas ao uso: “Trata-se de uma análise de usos e práticas sociais e não de formas abstratas. Estas, as formas, estarão sendo analisadas a serviço daqueles, os usos, é não o contrário” (MARCUSCHI, 2010, p. 16).

Portanto, essa nova visão se encontra atrelada diretamente ao falante, prevalecendo a ideia de que não só a escrita, mas também a oralidade são caracterizadas por fazerem parte das práticas sociais. Dessa forma, ambas são relevantes para a comunicação, cada uma em seu devido momento. Isso será determinado a partir do uso que o falante faz desses elementos discursivos, isto é, o sujeito vai utilizá-los, de acordo com a sua necessidade comunicativa.

Apesar de a oralidade e a escrita possuírem suas próprias características, ambas também trazem elementos significativos dentro da língua, ocorrendo uma complementação, ou seja, a escrita possui características que não encontramos na fala, a exemplo dos tipos de letra, fontes e assim por diante; enquanto na fala existem elementos que também não vemos na escrita, por exemplo, a tonalidade de voz e os gestos, que são próprios da oralidade. Com efeito,

[...] Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetos e assim por diante (MARCUSCHI, 2010, p. 17).

Com base no pensamento de Marcuschi (2010), a oralidade surgiu bem antes da escrita, o que não a faz superior a esta, porém, em alguns contextos sociais, o uso da escrita se torna mais importante, sendo uma modalidade prestigiada, mas também não é superior a fala. Diante disso, o autor supracitado nos leva a entender que a fala, bem como a escrita são importantes enquanto som e grafia, havendo uma complementação de ambas, através do uso do falante.

No momento introdutório, realizado pela expositora Keila, a sua identidade linguística se torna visível, a qual é peculiar, havendo fortemente a presença do “r” retroflexo, expressão essa geralmente utilizada por falantes do interior de São Paulo. Partindo do exposto, podemos visualizar tal elemento característico no seguinte

trecho: “Keila: Olá a todos, tenham uma boa tarde! Eu sou a Keila, vou acompanhar vocês [...]” Tempo: 0:07 (Fonte: <<https://youtu.be/blfhHHGMHb0>>)

Dessa maneira, tal peculiaridade reforça a presença da variação linguística e destaca as marcas da oralidade, indo contrariamente ao modelo da palestra, visto que o gênero exposto corresponde ao modelo “oral formal”, este bem dito por Sabata e Luiz (2013, p.196). Sendo assim, para tentar desconstruir o preconceito linguístico, referente não apenas a forma de pronúncia, mas também aos significados existentes e às demais variações, cabe enfatizar que as expressões variáveis e as marcas da oralidade são apenas distintas e não “certas” ou “erradas”. Com relação à noção de erro, Bagno (2007, p. 124) afirma que

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou a respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, [...] erra-se ao falar/ escrever uma língua estrangeira. A língua materna não é um saber desse tipo: ela é adquirida pela criança desde o útero, [...] Por isso qualquer criança entre 3 e 4 anos de idade (se não menos) já domina plenamente a gramática de sua língua (BAGNO, 2007, p. 124)

Ademais, torna-se válido destacar o motivo da palestra, que aconteceu como meio de “comemoração do aniversário do Seminário Multiletramentos, Hipermídia e Ensino, do Grupo de Pesquisa GPMULTI, que convidou a Prof^a. Dr^a. Roxane Rojo, docente do IEL/UNICAMP, para discutir os impactos dos multiletramentos no contexto da pandemia” (MULTILETRAMENTOS E ENSINO) - *YouTube*. Para além disso, a palestrante convidada inicia o seu discurso da seguinte forma:

Boa tarde! [é:::], [é:::] Gostaria de parabenizar o grupo de pesquisa de vocês, Keila. Tempo: 0:59
[...] [é:::] pel[a:::] comemoração já de alguns anos de evento.
Tempo: 1:13
[é:::] investindo em algoritmos para análise inteligente.
Tempo: 7:20 (Fonte: <<https://youtu.be/blfhHHGMHb0>>)

Partindo do trecho supranarrado, visualizamos que, no momento discursivo, a professora e palestrante, Roxane Rojo, prolonga as vogais durante a sua fala, caracterizando assim, uma particularidade existente na sua oralidade. Dessa maneira, fica claro que cada falante possui suas peculiaridades linguísticas, as quais são formadas a partir das interações sócio-discursivas. Posteriormente, a expositora agradece a Roxane Rojo, por ter disponibilizado parte do seu tempo, com o intuito

de participar da *webconferência*. “Kleila: [é:::] A gente... em nome do grupo eu agradeço, imensamente, a participação, à honra de ter a professora Roxane Rojo [...]” Tempo: 1:37(Fonte: <<https://youtu.be/blfhHHGMHb0>>)

Em perspectiva analítica, percebemos, no trecho acima, uma troca do pronome pessoal “nós”, para o uso do “a gente”, expressão bastante utilizada em diversas localidades. Então, é perceptível que, por haver o constante uso desse termo no cotidiano, ao utilizar a oralidade para uma comunicação mais formal, essas variações acabam sendo inevitáveis.

Podemos observar o fenômeno da abreviação, realizada pela palestrante em seu discurso:

É uma alegria **tá** com vocês aqui. Tempo: 3:30
 Vou pedir que **cê** me **dê** um toque. Tempo: 3:43
 [...] guardar bastante tempo para as conversas e as perguntas que **cê** já disse que já estão chegando. Tempo: 3:53
 (Fonte: <<https://youtu.be/blfhHHGMHb0>>)

Na fala da palestrante, podemos visualizar que houve a abreviação do verbo **estar** para o “tá”, pois, segundo Pinheiro (2019, p. 90), “É possível que, em um futuro próximo, as ocorrências plenas de estar na fala sejam completamente substituídas por reduções”. Posteriormente, houve a redução do pronome de tratamento você para “cê”. Sobre esse fato, Peres (2007, p. 163) destaca que “[...] a crescente obrigatoriedade do preenchimento do sujeito culminaram no aumento do uso da forma você, e essa frequência levou-a a continuar seu processo de redução fonética, originando a forma cê”. Ainda, identificamos no trecho:

Eu resolvi olhar um pouco na internet, **né?**
 Tempo: 4:43
 [...] primeira coisa que achei, foi um meme em forma de quiz, **né?**
 Tempo: 4:42
 [...] a Pierson divulgou ainda em agosto, uma pesquisa em que ouviu alguns milhares de estudantes, **né?**
 (Fonte: <<https://youtu.be/blfhHHGMHb0>>)

No entanto, outra marca da oralidade é a expressão “né”, muito utilizada por Rojo, como uma maneira de reafirmar o que foi dito por ela. Assim, tal uso não é realizado sem objetivo algum, pelo contrário. Nesse sentido, podemos perceber, de acordo com Castilho (2014, p. 230), que o “né” é um *marcador discursivo*, encontrado geralmente no final dos enunciados.

Desse modo, tanto Roxane Rojo (a palestrante) quanto Keila (a expositora) têm, em seus atos discursivos, variações linguísticas que fogem do modelo oral formal do gênero palestra; portanto, ambas realizaram o ato da hibridização do gênero textual.

Por outro lado, é de suma importância destacar que, através do ambiente escolar, é possível desconstruir o preconceito linguístico, pois é na escola que o sujeito/aluno tem a possibilidade de construir o pensamento crítico. Sendo assim, o/a educador/a deve mostrar a existência da variação linguística, pelo viés da diversidade e da pluralidade existente na língua e não partindo de visões que contribuem para o preconceito, mas, sim, apresentando o conceito de adequação linguística ao ambiente.

Diante disso, com relação à adequação linguística, Bagno (2007, p.130) afirma que “Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da *adequabilidade* e o da *aceitabilidade*”. O quadro abaixo ilustra essa perspectiva:

Quadro 04 – Dicotomias Estritas

fala	Versus	escrita
contextualizada / dependente autônoma		descontextualizada / autônoma
implícita / redundante		explícita / condensada
não planejada / imprecisa		planejada / precisa
não normatizada / fragmentária		normatização/ completa

Fonte: MARCUSCHI, 2010, p. 27.

Percebemos que a dicotomia estrita age de forma preconceituosa, pois eleva a escrita no contexto social, através da representação da língua, colocando, assim, a fala como inferior e "errada". Desse modo, vale ressaltar que essa tendência também não leva o aluno a entender as práticas perante a oralidade, como também não há preocupações com relação às produções textuais, o que não leva em consideração a escrita dos discentes. Com isso,

[...] Não há preocupação alguma com os usos discursivos nem com a produção textual [...] Essa visão de caráter estritamente formal, embora dê bons resultados na descrição estritamente empírica, manifesta enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos e discursivos. Uma de suas conclusões mais conhecidas é a que postula para a fala uma menor complexidade e uma maior complexidade para a escrita (MARCUSCHI, 2010, p. 28).

Com base nisso, trata-se de uma visão que, segundo o autor, "deve ser rejeitada", uma vez que essa tendência demonstra preconceito diante da cultura e dos aspectos linguísticos existentes na língua dos alunos. Porém, essa dicotomia foi a que deu "origem" às várias gramáticas e, por isso, infelizmente, ainda se encontra em uso. Assim, "[...] A Perspectiva estrita oferece um modelo muito difundido nos manuais escolares [...]" (MARCUSCHI, 2010, p. 28).

Portanto, Marcuschi (2010, p.23) reforça que "Na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários". Seguindo essa vertente, a oralidade deve ser vista com criticidade desde as séries iniciais nas escolas, visto que é um elemento fundamental e bastante utilizado no meio interativo e comunicacional, sendo necessário que o falante saiba adequar o seu discurso ao ambiente.

6 CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso investigou os aspectos naturais da fala, presentes na oralidade da palestrante e professora Roxane Rojo e da expositora Keila, na palestra intitulada *O impacto dos multiletramentos no contexto da pandemia*. Nesse sentido, a realização deste escrito proporcionou uma maior visão sobre o gênero oral, visto que a oralidade é deixada em segundo plano no ambiente educacional e social.

Para tal, inicialmente, foi analisado o sotaque da expositora, o qual é bem característico do interior de São Paulo. Posteriormente, adentramos na oralidade da palestrante, na qual encontramos uma situação de gradiência, variando entre o formal, semiformal e informal. Entretanto, a presente análise não seguiu a vertente preconceituosa e exclusiva, como geralmente acontece ao apontar o “erro”, este que não existe, pois, segundo Bagno (2007), há uma perspectiva de adequação da fala ao ambiente comunicacional.

Nesse sentido, reforçamos que a oralidade é extremamente relevante em nossas vidas e, por esse motivo, deve ser respeitada e valorizada em todos os seus aspectos, pois o ser humano é um animal inteiramente social e comunicativo. Assim, ressaltamos aqui a necessidade da competência comunicativa, adequando o uso da língua ao ambiente, além da perspectiva ética, evitando realizar comparações, inferiorizando a fala ou supervalorizando a escrita.

Ademais, cabe destacar o motivo pelo qual escolhemos a *Webconferência* como elemento essencial. A escolha foi feita, visando realizar uma ponte da tecnologia com o ensino, já que, no momento atual, estamos vivenciando a pandemia da Covid-19 e, mais do que nunca, o meio tecnológico. Sendo assim, os gêneros digitais estão auxiliando na adaptação educacional, mesmo havendo a grande dificuldade de manuseio e/ou a ausência de recursos financeiros.

Dito isso, o percurso teórico-metodológico que seguimos foi orientado e embasado pelos estudiosos Marcuschi (2010); Barreto e Rocha (2020); Sabata e Luiz (2013); Soares (2020); Damasceno (2020); Senhoras (2020); Santos e Monteiro (2020); Bezerra (2017); Silva, Goulart e Cabral (2021); Gil (2002); Lakatos e Marconi (2003); Pinheiro (2011); Prodanov (2013); Paiva (2019); Bagno (2007); Brasil (1997); Ferreira (2001); Peres (2007); Pinheiro (2019); Castilho (2014); Machado e Júnior (2021).

Desse modo, a análise foi realizada a partir da observação e da transcrição da oralidade, em que constatamos que há o uso de algumas expressões coloquiais que são inadequadas ao ambiente oracional do gênero palestra.

Para tanto, no que diz respeito à relevância da pesquisa, a presente investigação contribuiu tanto para os eixos sociais quanto educacionais, pois apresenta como foco a oralidade, esta que é visualizada como inferior e descontextualizada, quando comparada à escrita. Então, este estudo proporcionou uma reflexão no sentido de haver uma desconstrução dos atos de desqualificar e de inferiorizar a oralidade.

Nesse sentido, a pesquisa se encontrou dividida em cinco partes fundamentais: A princípio, destacamos os impactos sociais, trazidos pelo vírus da covid-19, pois, por haver a alta disseminação e ter afetado diversas localidades, passou a ser considerada uma pandemia. Assim, foi necessário programar a questão do isolamento social, em que afetou não apenas os ambientes de trabalho, mas também os espaços familiares e o ensino, este que passou a acontecer de maneira remota.

Posteriormente, adentramos nos gêneros textuais e digitais, pois fazem parte do nosso meio de comunicação e estão interligados diretamente aos discursos e textos utilizados pelos falantes e usuários no contexto diário. Além do exposto, como o objetivo da pesquisa foi o de analisar uma palestra, a qual acontece através da *Webconferência*, tornou-se fundamental apontar alguns estudos e conceituação sobre o gênero e a tecnologia, para que o leitor possa ficar situado quanto ao conteúdo.

Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a qual seguiu a natureza qualitativa, com vertente analítico-descritiva, tendo como fundamentação o cunho bibliográfico. Sendo assim, esta pesquisa seguiu em direção às melhorias do ensino, ressaltando que a oralidade possui a sua relevância e, como tal, deve ser respeitada e colocada em seu lugar de direito.

Por fim, mencionamos os resultados e as discussões referentes à oralidade, em que, através da análise da palestra, aqui já citada, evidenciamos a existência de expressões coloquiais e de marcas orais, assim como a existência do sotaque. Com relação às variáveis linguísticas, é fundamental destacar que há o preconceito enraizado, referente às distinções de pronúncia, porém, a língua é utilizada por

falantes diferentes, os quais estão em constante interação e, conseqüentemente, a oralidade também ocorrerá de maneira variada, dependendo de região para região.

Partindo disso, este estudo proporcionou, para a sociedade, um novo olhar acerca do fenômeno oral, possibilitando a reflexão sobre o preconceito linguístico, que desconsidera e julga as mais diversas variações que a língua possui. Logo, os nordestinos, por exemplo, são descritos como analfabetos e/ou por outras nomenclaturas absurdas, somente pelo fato do uso variacional da fala. Sendo assim, vale ressaltar que não apenas os pobres e não escolarizados utilizam as variantes, assim como pessoas consideradas cultas.

Portanto, deve ficar claro que não existe o falar “certo” e/ou “errado”, mas, sim, que a oralização, assim como a escrita devem estar adequadas às situações comunicacionais do meio social, de modo que o ambiente vai definir o nível de formalidade a ser utilizado tanto na oralização quanto na escrita.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a oralidade, havendo investigações com relação aos aspectos naturais variacionais, sem seguir a perspectiva do erro, visto que este gênero comunicativo é indispensável em meio à sociedade. Esperamos que esta proposta possa contribuir com respostas para as indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

AS PANDEMIAS. **Conheça as pandemias que marcaram a história do mundo.** 2020. 1 vídeo (1:41min.) Publicado pelo canal Band Jornalismo. Disponível em: <https://youtu.be/UZfqwZunzVY>. Acesso em: 11 mar. 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico o que é, como se faz.** 48 e 49 ed. Edições Loyola: São Paulo, 2007.

BARRETO, Andreia Cristina; ROCHA, Daniele Santos. Covid-19 e educação: resistência, desafios e (im) possibilidades. v. 2. **Revista Encantar:** Bom Jesus da Lapa, 2020.

BBC NEWS. **Vacina contra a covid-19:** quem está recebendo as doses disponíveis de CoronaVac em cada estado brasileiro. Disponível em: <https://youtu.be/UZfqwZunzVY> Acesso em: 05 abr. 2021.

BEZERRA, Benetido Gomes. Gêneros discursivos ou textuais? *In: Gêneros no contexto brasileiro:* questões [meta] teóricas e conceitos. São Paulo: Parábola, 2017, p. 17-32.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI JR, Celso. Oralidade conceito relevância. *In: Oralidade na educação básica:* o que saber, como ensinar. São Paulo: Parábola, 2018, p. 13-37.

CASTILHO, Ataliba de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2014.

CASTRO, Gabriela Jurak; BASTOS, Taísa da Silva; VARGAS, Letícia Marques. **Webconferência:** auxiliando na diminuição da distância transacional na EaD. Pelotas-RS, 2012.

DAMASCENO, Handherson. **Educação e cultura digital:** apontamentos sobre a escola em tempos de conectividade. FAGED/UFBA, 2020.

FERREIRA, Arélio B. **Miniaurélio século XXI Escolar:** O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, Lívia; JUNIOR, Alessandro. **Logo após aprovação da Anvisa Governo de SP aplica em enfermeira a 1º dose da vacina contra a Covid-19 no Brasil.** São Paulo: G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/sp/são-paulo/noticia/2021/01/17/após-aprovacao->

da-anvisa-governo-de-sp-aplica-1ª-dose-da-coronavac-antes-do-inicio-do-plano-nacional-de-vacinacao.ghtml. Acesso em: 05 abr. 2021.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. *In*: **Gêneros textuais e ensino**. DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Oralidade e escrita. *In*: **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2008.

MULTILETRAMENTOS. **O impacto dos Multiletramentos no Contexto da Pandemia**. 2020. 1 vídeo (1:25:56) Publicado pelo canal Multiletramento e Ensino. Disponível em: <https://youtu.be/blfhHHGMHb0>. Acesso em: 03 mar. 2021.

PAIVA, Vera Lúcia. **Manual de Pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PAULA, Maria Regina de. Gêneros Textuais no ensino: Contribuições à construção de sujeitos reflexivos e autônomos. *In*: OSORIO, Ester Myriam Rios (Org.). **Mikhail Bakhtin e os gêneros do discurso na educação**. São Carlos: Predo & João, 2011, p. 191-200.

PERES, Edenize P. **De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso**. Espírito Santo: UFES, 2007.

PINHEIRO, Frederico P. **Tá mudando? – Uma análise sociofuncionalista da redução fonética do Item Estar na fala de Vitória/ES**. Espírito Santo: Stricto Sensu, 2019.

PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em Literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

ROJO, Roxane Helena R. **Pedagogia dos Multiletramentos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SABATA, Paloma; LUIZ, Edmilson. A palestra no contexto de ensino: evidências de competência comunicativa em produções de alunos. *In*: ARAÚJO, D; SILVA, W. (Orgs.). **Oralidade em foco: conceitos, descrição e experiências de ensino**. Campina Grande: Bagagem, 2013.

SANTOS, Veríssimo; MONTEIRO, Jean. Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. v. 2. **Revista Encantar:** Bom Jesus da Lapa, 2020.

SENHORAS, Eloi Martins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. v. 2. **Revista Boca:** Boa Vista, 2020.

SILVA, Joselma; GOULART, Ilsa; CABRAL, Giovanna. **Ensino remoto na educação superior:** impactos na formação inicial docente. v. 16. Minas Gerais: Ibero, 2021.

SOARES, Israel. **Webconferências:** os momentos síncronos na prática. Goiás: Diretoria de Educação à Distância, 2020.